

ESTAMOS MESMO EM ISOLAMENTO SOCIAL? INTERAÇÕES COMUNICATIVAS ATRAVÉS DE MEIOS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mario Luis Monachesi Gaio (UFF/FAPERJ)

Resumo: Pandemias mundiais são raras e, justamente por isso, são experienciadas no máximo uma vez nas nossas vidas. A pandemia provocada pela COVID-19 tem mudado a relação do ser humano com o mundo (organismo-habitat) e com os outros seres humanos (organismo-organismo), mostrando a importância da Visão Ecológica do Mundo, por um lado, e evidenciando a necessidade humana de relacionar-se socialmente. A pandemia em que estamos mergulhados é a primeira a acontecer em tempos de enorme avanço tecnológico no campo da informação e da comunicação. A última desse porte aconteceu cerca de 100 anos atrás, a chamada Gripe Espanhola. Somente doenças infecciosas podem provocar pandemias e, conseqüentemente, uma das estratégias de prevenção é o chamado Isolamento (ou Distanciamento) Social. Mas afinal, estamos realmente isolados socialmente? Ou esse distanciamento é somente físico? O Isolamento Social vai contra a natureza humana, pois, como percebeu Aristóteles, o Homem é um animal social. Em momentos como este, nota-se a relevância do Ecosistema Artificial da Língua (GAIO, 2018) na manutenção dos Atos de Interação Comunicativa (AIC). O Espaço Artificial, extensão tecnológica do espaço territorial tangível, é o território utilizado pelos falantes para manterem-se em permanente contato social, sendo um alento para esses dias difíceis. A pandemia nos obrigou a evitar o contato físico, mas não o social. Os AIC presenciais, tão naturais para o ser humano, têm sido substituídos temporariamente por interações à distância. Mudam-se as práticas e os meios, permanecem as interações. Afinal, “toda sociedade é languageira” e “toda prática de linguagem é social” (LAGARES, *no prelo*). Se as práticas de linguagem sofreram alteração apenas no meio em que acontecem, não podemos falar em Isolamento Social, mas em Isolamento Físico ou Distanciamento Corporal. O conceito de Ecosistema Integral da Língua, que reúne os ecossistemas mental, social e natural (COUTO, 2016), e o pressuposto teórico do Ato de Interação

ECO-REBEL

Comunicativa como fundamento da Linguística Ecológica (COUTO, 2016; 2017b) norteia o estudo que apresento neste trabalho.

Palavras-chave: Linguística ecológica; Ecossistema integral da língua; Ecossistema artificial da língua; Isolamento social

Abstract: Worldwide pandemics are rare and, precisely for this reason, are experienced at most once in our lives. The pandemic caused by COVID-19 has changed the relationship of the human being with the world (organism-habitat) and with other human beings (organism-organism), showing the importance of the Ecological View of the World, on the one hand, and highlighting the human need to relate socially. The pandemic in which we are immersed is the first to happen in times of enormous technological advance in the field of information and communication. The last of this magnitude happened about 100 years ago, the so-called Spanish flu. Only infectious diseases can cause pandemics and, consequently, one of the prevention strategies is the so-called Social Isolation (or Distancing). But after all, are we really socially isolated? Or is this distance only physical? Social isolation goes against human nature, because, as stated by Aristotle, man is a social animal. At times like this, one notices the relevance of the Artificial Ecosystem of Language (GAIO, 2018) in the maintenance of the Acts of Communicative Interaction (ACI). The Artificial Space, technological extension of tangible territorial space, is the territory used by speakers to maintain permanent social contact, being a breath of fresh air for these difficult days. The pandemic forced us to avoid physical contact, but not social contact. The face-to-face ACIs, so natural to human beings, have been temporarily replaced by remote interactions. Practices and means have changed, interactions remain. After all, "every society is *langagière*" and "every practice of language is social" (LAGARES, forthcoming). If language practices have changed only in the environment in which they happen, we cannot talk about Social Isolation, but about Physical Isolation or Body Distancing. The concept of the Integral Ecosystem of Language, which brings together the mental, social and natural ecosystems (COUTO, 2016), and the theoretical assumption of the Act of Communicative Interaction as the foundation of Ecosystem Linguistics (COUTO, 2016; 2017b) guide the study I present in this paper.

Key-words: Ecosystemic Linguistics; Integral ecosystem of language; Artificial ecosystem of language; Social isolation

1. Introdução

O mundo, como o conhecemos antes da pandemia causada pela COVID-19, não será mais o mesmo. Assim afirma o microbiologista Átila Iamarino, que se tornou famoso quase de um dia para o outro, por causa de seus esclarecedores vídeos de divulgação científica acerca do momento atual. Em recente entrevista à BBC News/Brasil, afirmou:

ECO-REBEL

"O mundo mudou, e aquele mundo (de antes do coronavírus) não existe mais. A nossa vida vai mudar muito daqui para a frente, e alguém que tenta manter o status quo de 2019 é alguém que ainda não aceitou essa nova realidade"¹.

Ele não está sozinho nessa empreitada. Uma breve busca no Google por "o mundo não será mais o mesmo depois da pandemia" mostra um sem número de reportagens de veículos jornalísticos importantes sobre as mudanças que virão. Em artigo no *El País/Brasil*, o jornalista Clayton Melo aponta "dez tendências para o mundo pós pandemia"². Apesar de ser um artigo de opinião, o ponto crucial da coluna, a nosso ver, mostra que o Coronavírus é um acelerador de futuros. Em outras palavras, ele serviu, ou está servindo para antecipar práticas que ainda víamos como futuristas antes da pandemia. Não é nosso propósito falar sobre essas tendências elencadas pelo jornalista, mesmo porque elas têm relação com o mercado e com a economia, mas queremos citar apenas duas: revisão de crenças e valores e trabalho remoto. Quanto à primeira, o autor faz referência a Peter Lunn, chefe da unidade de pesquisa comportamental da Trinity College Dublin, em entrevista concedida ao jornal *Newsday*³. Lunn afirma que

"uma crise como essa pode mudar valores. As crises obrigam as comunidades a se unirem e trabalharem mais como equipes, seja nos bairros, entre funcionários de empresas, seja o que for... E isso pode afetar os valores daqueles que vivem nesse período —assim como ocorre com as gerações que viveram guerras"⁴.

Em outras palavras ele quer dizer que há tendência a uma maior solidariedade entre as pessoas, motivadas pela crise que afeta a todos sem exceção, de qualquer classe social, etnia, gênero ou grau de escolaridade. Esperamos que essa tendência se confirme, embora a realidade brasileira seja complexa. Afinal, temos um presidente que nega sistematicamente os perigos dessa doença, minimizando seus riscos insistentemente e provocando insegurança⁵. Quem ocupa o cargo mais alto na hierarquia político-administrativa do país deve dar exemplos, e o dele não é nada positivo.

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52061804> (última visita em 21/07/2020)

² <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html> (última visita em 21/07/2020)

³ A íntegra da entrevista está aqui: https://www.newsday.com/news/health/coronavirus/coronavirus-future-changes-futurists-1.43635849?utm_source=tw_nd (última visita em 21/07/2020)

⁴ Mantivemos a tradução do jornalista Clayton Melo, publicada no *El País*.

⁵ Seguem alguns links com notícias sobre o tema:

<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>;

(última visita em 21/07/2020)
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/dubio-bolsonaro-minimiza-pandemia-enquanto-busca-mais-poder-nostf.shtml>; (última visita em 21/07/2020)

ECO-REBEL

A segunda tendência que assinalamos é a aceleração de um processo que já vinha tomando forma e constituindo-se como alternativa há algum tempo. A crise fez com que empresas e órgãos públicos, na medida do possível, alterassem seus processos de trabalho e adiantassem seus prováveis planos de aumentar o número de trabalhadores remotos. O motivo, claro, não era evitar o contato, e o possível contágio, entre os funcionários, mas reduzir custos. Portanto, o processo foi agilizado.

Ambas as tendências têm relação direta com os estudos da Linguística Ecológica (COUTO, 2016; 2017b), o que nos motivou a desenvolver esse pequeno artigo. A solidariedade, que deveria ser uma premissa da condição humana, é um dos fatores mais agregadores nas sociedades. Está intrinsecamente ligada a um preceito básico tratado pela Linguística Ecológica, a comunhão.

O trabalho remoto, por sua vez, distancia os colegas de trabalho, mudando bastante a configuração de um dos domínios de uso da língua (FISHMAN, 1986 [1972]), o do ambiente de trabalho. Neste estudo, veremos que nos baseamos nesses domínios para mostrar que eles são subdivisões do ecossistema social no qual vivem indivíduos. Em outros termos, o Ecossistema Social, parte do Ecossistema Integral da Língua, pode ser encarado como um conjunto de domínios (*domains*) de uso da língua, que chamaremos de pequenos ecossistemas sociais da língua, uma vez que em cada um desses domínios há um uso diferente da língua.

O que se põe em tela, então, está no título deste artigo: afinal, estamos mesmo em isolamento social? O que é isolar-se socialmente? E como a Linguística Ecológica pode nos ajudar a desvendar essa questão? A partir de sua premissa mais básica, a Interação Comunicativa, queremos discutir as novas possibilidades de interação surgidas no século XXI e aceleradas pelas dificuldades criadas pela pandemia causada pela COVID-19. Veremos que a tecnologia, ao contrário de nos afastar, tem facilitado as nossas interações diárias e até modificando algumas das 15 regras interacionais observadas por Couto (2016, p. 235), como a regra sistêmica. A tecnologia nos proporciona a possibilidade de estendermos as interações em territórios virtuais. Também, a partir do momento em que o registro escrito prevalece nas interações nesses espaços virtuais e à semelhança do que acontece nos processos de variação linguística, esse registro também sofre

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/08/interna_politica.870278/mesmo-infectado-bolsonaro-continua-minimizando-pandemia-de-covid-19.shtml (última visita em 21/07/2020)

variações importantes. Por último, mostraremos o caso dos neofalantes digitais, indivíduos que têm as línguas minorizadas de suas regiões de origem como L2, mas que, no espaço virtual, se comunicam por meio dela. Essas modificações de uso de línguas nesse espaço virtual caracterizam a formação do Ecosistema Artificial da língua como extensão do Ecosistema Social.

2. O Ecosistema integral da língua

Como preconizado pela Linguística Ecosistêmica, o Ecosistema Integral da Língua (EIL) é formado pela fusão dos Ecosistemas Natural, Mental e Social, cada um com sua tríade específica.

No Ecosistema Mental da Língua, T é a mente do falante, L é o conjunto de conexões neurais e P tem relação com os desejos e tomadas de decisão do indivíduo. No Ecosistema Social da Língua, T é a sociedade onde esse indivíduo vive, P é a coletividade e L é a manifestação linguística com que essa coletividade interage. No Ecosistema Natural da Língua, T é o território físico, material, P são as pessoas naturais e L, a língua dessas pessoas (COUTO, 2016). Os três ecossistemas agrupados formam o EIL. Em virtude do crescente aumento das interações comunicativas via sistemas digitais, tais como os aplicativos de troca de mensagens, Gaio (2018) sugere que há um novo Ecosistema em surgimento, o Ecosistema Artificial da Língua, extensão do Natural, que supre a necessidade comunicativa dos interlocutores quando não simultaneamente presentes no mesmo ambiente físico (uma sala, um parque, um banco de jardim...). Porém,

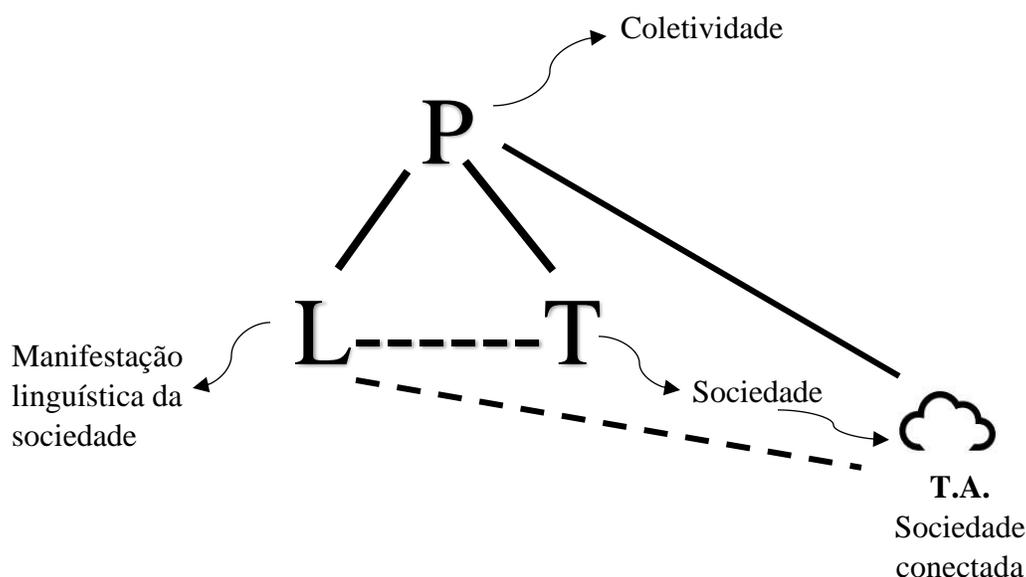
O Ecosistema Artificial da Língua acaba por ser uma extensão do Ecosistema Natural da Língua. Foi criado a partir desse último, pode ter certa autonomia, mas não está completamente desvinculado do Natural. O Artificial só existe porque existe o Natural (GAIO, 2018, p. 177)

De um ponto de vista bastante abrangente, esse conceito é válido. A fundamentação está na analogia entre a Internet e o planeta Terra, esse último o território onde vivem, convivem e podem interagir comunicativamente todos os seres humanos existentes, e o primeiro, o território virtual que nos permite uma interação comunicativa remota. Estamos todos (ou quase todos) conectados na web 24 horas por dia com nossos smartphones. Acontece que, sob um ponto de vista mais restrito, esse espaço virtual funciona bem mais como uma extensão do meio ambiente social.

ECO-REBEL

No espaço virtual, a protagonista é a atividade social e suas interações. Apesar do distanciamento físico a que estamos submetidos nessa pandemia, o meio ambiente social continua ativo, funcionando, através do suporte desse espaço virtual. Em outras palavras, se dissemos que o meio ambiente artificial é uma extensão do natural e dele depende, podemos dizer a mesma coisa a respeito do meio ambiente social em relação à sua atividade. É a atividade social (interações comunicativas constantes e necessárias) que mantêm o ecossistema artificial vivo. O Ecossistema Artificial em sua plenitude e na sua função primordial só existe porque existem os Ecossistemas Sociais ativos.

Ecossistema Social da Língua com sua extensão artificial:



3. Isolamento: conceitos e terminologia

Isolamento Social. Essa é uma das expressões linguísticas do momento, ao lado de outras semelhantes tais como Distanciamento Social, Quarentena, o anglicismo *lockdown*, entre outras.

ECO-REBEL

A motivação, claro, é a pandemia mundial provocada pela COVID-19, a doença causada pelo Coronavírus.

O site do Ministério da Saúde brasileiro, em sua página dedicada à pandemia da COVID-19⁶, não apresenta definições sobre a terminologia específica acerca de isolamento, distanciamento e quarentena utilizada no combate e tratamento dos doentes. A COVID-19 é causada por um vírus novo, que, ao que tudo indica, é de origem zoonótica, o que confirma os preceitos da Visão Ecológica do Mundo: o equilíbrio da convivência entre as espécies vivas no nosso planeta. Não há ser vivo superior ou inferior a nenhum outro. A recomendação geral para evitar o contágio pela COVID-19 é ficar em casa. Na medida do possível, muita gente se recolheu e, na pior das hipóteses, passou a sair menos de casa. Aulas em escolas e faculdades foram suspensas e muitas empresas se organizaram para que seus funcionários, de acordo com a função, pudessem trabalhar de casa, remotamente.

O Telessauders⁷, núcleo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), define separadamente Isolamento e Distanciamento Social, no contexto atual da pandemia provocada pela COVID-19:

- Distanciamento social é a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus.
- Isolamento é uma medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados de infecção por coronavírus) das não doentes, para evitar a propagação do vírus.

A CNN Brasil⁸ apresenta as seguintes orientações e definições:

- Distanciamento social: é recomendado a todos. Enquanto se pratica o distanciamento social, é possível sair de casa, desde que se evite aglomerações e mantenha distância de no mínimo um metro de outras pessoas.

⁶ <https://coronavirus.saude.gov.br/>

⁷ https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/ (última visita em 08/07/2020)

⁸ <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/03/31/quarentena-isolamento-e-distanciamento-o-vocabulario-da-pandemia> (última visita em 08/07/2020)

ECO-REBEL

- Isolamento social: neste procedimento, a pessoa fica em casa e pode ter contato com quem mora. É recomendado não encontrar amigos ou familiares externos e restringir saídas somente para o que for essencial.

Pode-se buscar outras definições em outras fontes idôneas e o resultado é praticamente o mesmo. O que se entende por isolamento ou distanciamento social é, ao fim e ao cabo, um distanciamento físico entre as pessoas e é esse o ponto que queremos discutir nesse breve estudo.

É verdade que a pandemia nos obrigou a evitar o contato físico, mas não o social. As interações sociais presenciais, tão naturais para o ser humano, têm sido substituídas temporariamente por interações à distância. Mudam-se as práticas e os meios, permanecem as interações. O ser humano tem necessidade de contato social, somos animais sociais, como disse Aristóteles, e nos viramos para conseguir manter contato. Evidentemente, a necessidade primária do contato é a interação comunicativa, seja ela como for. As pessoas sentem necessidade de falar. Como aponta Lagares (no prelo), “toda sociedade é linguageira e toda prática de linguagem é social”. A necessidade de interação é anterior à necessidade do contato físico. Portanto, esse contato virtual atenua as dificuldades do distanciamento. Friso o verbo "atenuar" porque o contato físico, ou pelo menos a proximidade física é insubstituível e necessária, sobretudo numa sociedade como a brasileira, cuja cultura inclui o abraço, prevê o beijo no rosto para se cumprimentar até desconhecidos e é a única no mundo a ter o cafuné como manifestação de carinho.

Observamos esse comportamento em todo o mundo, antes que a pandemia atingisse o Brasil em pleno. Enquanto e onde foi possível, as pessoas tentavam interagir pelas varandas de suas casas, janelas e áreas comuns. Foi o que vimos na Itália, e posteriormente em outros países. As pessoas tocavam músicas nas varandas de suas casas, e a adesão – o estado de Comunhão – era enorme. Uns acompanhavam com os instrumentos musicais que tinham, outros cantavam, outros ainda participavam de outras formas, mas raros eram os que não se manifestavam.

Desde a caracterização oficial, pela OMS⁹, da pandemia, é muito provável que a média de tempo de uso e navegação em mídias sociais tenha aumentado consideravelmente. Notícia do jornal *Valor Econômico* ainda de março de 2020 já apontava para esse comportamento com relação

⁹ Organização Mundial da Saúde

ao Facebook¹⁰, o que nos leva a crer que valha também para outras mídias populares como Instagram, Twitter etc. Embora sejam mídias que permitem interação, não é disso que tratamos aqui. Nosso objeto de observação são os aplicativos criados para a interação comunicativa propriamente dita, tais como Whatsapp ou Telegram. Portanto, vamos tratar das interações comunicativas realizadas por esse tipo de plataforma. Se os usuários (P) conseguem interagir comunicativamente (L) com eficácia através dessas ferramentas, deve haver um espaço (T) que dá suporte a essas interações. A questão é entender onde está T nesse tipo de interação.

Independentemente do tipo de Interação Comunicativa, é evidente que os seres humanos partícipes estão em algum lugar fisicamente apoiados. Antes da invenção do telefone, interações à distância eram impossíveis¹¹. Hoje, elas não somente são possíveis, mas nos permitem conversar tão efetiva e produtivamente quanto aquelas em presença física. Se toda prática de linguagem é social e se as práticas de linguagem sofreram alteração apenas no meio em que acontecem, não podemos falar em Isolamento Social, mas em Isolamento Físico.

4. Os Domínios de uso da língua

O construto teórico de Fishman (1986 [1972]) sobre os domínios de uso da língua orienta parte do nosso estudo. Seu trabalho tinha foco no multilinguismo e na observação de qual língua era usada em cada ambiente comunicativo, os *domains*. Mesmo num contexto de monolingüismo, os diversos ambientes comunicativos frequentados pelos falantes pedem variedades linguísticas distintas. Assim, um falante se comporta linguisticamente de uma forma em família, de outra na relação com a coletividade em que vive (rua, bairro...), de uma outra ainda se precisa se relacionar com a administração pública (prefeitura, órgãos públicos...) e assim sucessivamente. Todos esses *domains* são sociais, portanto, estamos tratando dos Ecosistemas Sociais, parte do Ecosistema Integral da Língua.

¹⁰ <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/03/25/facebook-registra-aumento-no-uso-de-plataformas-por-coronavirus.ghtml> (última visita em 17/07/2020)

¹¹ O telégrafo foi inventado cerca de 40 anos antes, mas seu escopo era transmitir mensagens, muito mais do que facilitar a interação comunicativa.

ECO-REBEL

O Ecosistema Social tem como T uma entidade abstrata. O *locus* do Ecosistema Social é a totalidade dos indivíduos que vivem em uma comunidade (COUTO, 2016, p. 229). Podemos ampliar essa definição como um conjunto de pequenos ecossistemas igualmente sociais, aqui representados pelos domínios de uso da língua como proposto por Fishman.

Segundo os preceitos da Linguística Ecológica, delimitemos nosso estudo a um hipotético município, e admitamos que os moradores desse município sejam uma coletividade, "seres comunitários e sociais" (COUTO, 2016, p. 228). Os indivíduos que compõem essa coletividade interagem comunicativamente em diversos domínios. Num passado não muito distante, em caso de necessidade de distanciamento físico por pandemia, haveria necessariamente uma interrupção brusca de interações em diversos domínios. Provavelmente, somente o ambiente familiar se manteria ativo. Nos dias de hoje, porém, essa ruptura não acontece, mas sofre transformação. As interações permanecem, o que é um alento para quem deve ficar fechado em casa. Graças à tecnologia, as relações sociais da coletividade em que se vive (assembleias de condomínio, de associações de bairros etc.), as relações de trabalho (reuniões de equipe e outras) e até mesmo algumas demandas ao serviço público continuam acontecendo (quase) normalmente. Escolas, faculdades e universidades já planejam a volta ao ritmo normal das aulas valendo-se dessas ferramentas tecnológicas que nos permitem estarmos próximos uns dos outros, sem contato físico. Todos os domínios de uso social da língua estão atendidos.

5. Comunhão e descomunhão

Couto (2017a) afirma que a Comunhão, para a Linguística Ecológica, "é pressuposta para que haja interação comunicativa, ou seja, comunicação linguística eficaz". Reciprocamente, "onde há interações comunicativas eficazes, entende-se que em algum momento anterior houve Comunhão" (GAIO, *no prelo*). A comunhão é um estado de espírito. Como animal social, o ser humano precisa viver em comunidade (ou sociedade). Em regra geral, nossa condição de humanos nos faz acessíveis e amáveis sempre que conhecemos outro semelhante. No Brasil atual, até mesmo democratas e bolsonaristas podem ser cordiais uns com os outros antes de saberem o que defendem ideologicamente. Depois, virá certamente a descomunhão.

ECO-REBEL

O estado de descomunhão é a ruptura do estado de comunhão, seja qual for o motivo. Segundo Matos *et al.* (2014), descomunhão é a linguagem não harmoniosa, que leva ao desentendimento. Assim, “‘entendimento’ está para ‘comunhão’ assim como ‘desentendimento’ para ‘incomunhão¹²’” (Matos *et al.*, 2014). A interpretação de Couto (2015) sobre descomunhão é diferente. O autor atribui aos aparatos de comunicação remota o estímulo ao isolamento, mesmo que as pessoas estejam em presença física, numa mesma sala, por exemplo.

[...] após esses dois artefatos [celular e WhatsApp] as pessoas estão deixando de conviver efetivamente com quem está seu lado, interagindo sempre com quem está ausente. Em vez da Comunhão, estão todas em Descomunhão, ou seja, fisicamente juntas, mas mental e espiritualmente separadas pelo aparelho de celular e o WhatsApp. Em vez da aldeia global prevista por Marshall McLuhan na década de sessenta do século passado, o que temos é um bando de individualidades, de pessoas que se consideram livres, mas que estão escravas de uma engenhoca criada pela tecnologia. Esta desfaz o que a natureza faz. O espaço físico mantém as pessoas juntas, com o que deveriam interagir entre si como antigamente. No entanto, a tecnologia as separa (Couto, 2015).

Inegavelmente, qualquer meio de comunicação de massa desenvolvido ao longo da história tem interferido nas relações pessoais, desde o rádio, até o smartphone, e quiçá o que virá ainda. A questão que eu apresento é intrinsecamente ligada a esse mesmo desenvolvimento, que, a meu ver, é sempre destinado a aumentar as interações, e não a diminuí-las, a partir do pressuposto aristotélico. Entretanto, os aparatos tecnológicos permitem uma espécie de seletividade fácil: os interlocutores escolhem quando e com quem interagir, o que pode nos levar a supor que haja uma relação entre aumento de interações e redução de sua longevidade e complexidade.

6. Antes da pandemia

Embora a importância das interações nesse espaço virtual tenha se tornado mais evidente nestes tempos de pandemia e isolamento, elas já acontecem produtivamente, como extensão do meio ambiente social, há mais de 10 anos. Quem de nós não faz parte de um grupo do WhatsApp chamado "Família"? É a extensão do domínio fishmaniano familiar. Neste domínio acontecem até desavenças sérias, uma vez que seus membros são íntimos. Parece paradoxal, mas o excesso de

¹² O mesmo que Descomunhão.

ECO-REBEL

intimidade é um adubo para a descomunhão. Nos últimos 4 ou 5 anos então, são notáveis os casos de rupturas familiares por motivos políticos, dada à espiral de polarização a que fomos submetidos, não só pela mídia tradicional, mas também pelas já famosas Fakenews distribuídas e compartilhadas nesses espaços virtuais, em que bastam dois ou três cliques para transmitir mensagens a um sem número de pessoas, sejam essas mensagens verdadeiras ou não. Imaginemos uma praça pública e um orador qualquer usando um megafone para disseminar suas ideias sobre determinado tema. No espaço virtual, comparando-o à praça pública, o megafone corresponde a um clique sobre a tecla "enviar", mas com progressão geométrica de disseminação (chamada viralização). Já o megafone tradicional tem potência para disseminação apenas em progressão aritmética.

O domínio comunicativo que compreende o ambiente de trabalho também se estende há bastante tempo graças a esses aplicativos. Contratos são fechados, documentos são transmitidos, vendas são concretizadas sem que as pessoas se movam. Da mesma forma que no domínio familiar, o ambiente social de trabalho também dá mostras de que essas interações no espaço virtual funcionam, em alguns casos, com mais eficiência do que no ambiente natural, dada a velocidade de transmissão e seu poder de alcance.

Um caso recente famoso e que veio a público foi a reportagem do site *The Intercept* Brasil, denominado Vaza Jato¹³, em alusão à operação Lava Jato, da Polícia Federal. Conversas vazadas (e daí o nome Vaza Jato) entre o juiz federal que conduzia a operação e os procuradores da força tarefa mostraram ao mundo claramente que esse espaço virtual não serve apenas a uma mera troca de mensagens, mas até mesmo para articular ações espúrias: um espaço de interação comunicativa completo. A própria nomenclatura usada (conversa, diálogo, discussão, reunião) demonstra os Atos de Interação Comunicativa reais:

"Os diálogos demonstram que os procuradores não são atores apartidários e apolíticos, mas, sim, parecem motivados por convicções ideológicas e preocupados em evitar o retorno do PT ao poder. As conversas fazem parte de um lote de arquivos secretos enviados ao Intercept por uma fonte anônima há algumas semanas".

¹³ <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/> (última visita em 17/07/2020)

ECO-REBEL

"Um clima de revolta e pânico se espalhou entre os procuradores. Acreditando se tratar de uma **conversa** privada que jamais seria divulgada, eles deixaram explícitas suas motivações políticas".

"Toda a **discussão**, que se estendeu por várias horas, parece mais uma **reunião** entre estrategistas e operadores anti-PT do que uma **conversa** entre procuradores supostamente imparciais". ¹⁴ (grifos nossos)

Da mesma forma que o domínio comunicativo do ambiente de trabalho tem a sua extensão, o domínio escolar se vale desses recursos para estender o espaço destinado ao aprendizado. O WhatsApp já serve de apoio a estudantes e professores, de qualquer nível escolar, para interação e discussão de temas que dizem respeito às aulas dadas.

Há ainda outros domínios, mas vamos nos ater a esses. Há muitas evidências de que estamos falando realmente de um espaço virtual. Uma delas, anterior aos aplicativos de interação, é a transmissão de documentos entre pessoas. Nas grandes empresas, a troca de documentos em papel, além de obrigatoriamente serem fisicamente tangíveis (escritos a mão, datilografados e mesmo impressos) era feita por meio de funcionários denominados "contínuos" (o termo "contínuo" foi posteriormente anglicizado para *office boy*). Estes deveriam carregar o documento entre um funcionário e outro, percorrendo o território fisicamente. Nada disso é mais necessário. Primeiro, porque os documentos não necessariamente precisam ser impressos e podem ser armazenados eletronicamente. Segundo, porque a transmissão se dá pelo espaço virtual. Um documento qualquer pode ser enviado de um funcionário a outro em segundos, esteja o receptor onde estiver, desde que conectado à internet, que é o grande território virtual extensivo do natural.

A internet é um espaço virtual infinito, comparável ao universo. Não é um lugar específico. Através dela podemos ter acesso virtual ao que existe no mundo real, mas com limitação a dois dos nossos sentidos naturais: visão e audição (GAIO, *no prelo*).

Há evidências linguísticas também. Couto (2016, p. 233) nos ensina que "a língua nasce nos atos de interação comunicativa (AIC) em suas respectivas ecologias de interação comunicativa, tanto ontogenética quanto filogeneticamente". Podemos ampliar essa ideia e pensar não somente no nascimento de uma língua, mas nos seus próprios processos de variação. Daí as

¹⁴ <https://theintercept.com/2019/06/09/procuradores-tramaram-impedir-entrevista-lula/> (última visita em 17/07/2020).

ECO-REBEL

menções à ontogênese e à filogênese. As interações nos espaços virtuais têm alterado a função semântica de diversas expressões. Se *entrar* e *sair* da internet não faz mais sentido (estamos sempre nela com nossos smartphones), esses mesmos verbos são usados para o acesso a mídias, portais de notícias, buscadores, *blogs* etc. Esses lugares virtuais têm como referências os advérbios de lugar, como *aqui*, *ali*, *lá*. "Não achei nada lá" (referindo-se, por exemplo, a um portal de notícias). "Você prefere conversar aqui ou no Messenger?", com o *aqui* se referindo ao WhatsApp, ou semelhante. E nem mencionamos o mais antigo verbo usado para a internet: *navegar*.

Por fim, mas não menos importante, as regras interacionais, inclusive as regras sistêmicas, as relativas à estrutura da língua, podem também sofrer alterações importantes. No espaço virtual prevalece o registro escrito com práticas do registro oral. É comum o encurtamento de certos vocábulos em nome da agilidade, e só isso já nos mostra que a ortografia nesse território costuma ter "vida própria". "Vc" substitui *você*, "fds" substitui *fim de semana*, "blz" substitui *beleza*... E há mais exemplos. Um dos mais interessantes é "pq" substituindo os usos de *por que*, *porque*, *porquê* e *porquê*, mostrando que a prescrição das regras para esses últimos talvez não tenha mais sentido pois "pq" dá conta de qualquer um deles, sem causar ambiguidades. É uma mudança morfossintática importante.

7. Os neofalantes digitais e o ecossistema artificial da língua

Nos contextos multilíngues, onde há mais de um ecossistema linguístico, há sempre uma relação de força entre as línguas, e uma delas acaba sendo a língua hegemônica, não necessariamente a majoritária, mas a imposta, seja por força econômica ou bélica (ou ambas). Com as diversas políticas de revitalização linguística que vêm sendo implantadas em diversas partes do mundo¹⁵, surgiu o que Frias (2006, p. 60) define como neofalante¹⁶: o indivíduo que tem uma

¹⁵ Na Europa, a Carta Europeia Para as Línguas Regionais ou Minoritárias, é uma convenção (CETS 148) adotada pelo Conselho da Europa em 05/11/1992. Entrou em vigor em 01/03/1998 e tem o objetivo de promover e proteger as línguas regionais e minoritárias históricas da Europa. Cf. <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/148> (última visita em 22/07/2020)

¹⁶ O paleofalante, em oposição, é o indivíduo que fala a mesma L2 como língua materna.

língua majoritária como L1 e que em algum momento da sua vida aprende a L2 regional passando a fazer dela a sua língua veicular principal.

Evidentemente, esse conceito se aplica sobretudo aos territórios em que há línguas minorizadas ainda em uso, principalmente onde houve algum tipo de planejamento linguístico para a sua normatização, revitalização e promoção. O termo é originalmente galego e pode ser igualmente nomeado em português¹⁷. A partir dessa definição, Padin (2018) investiga o uso do galego em aparatos de tecnologia de comunicação e passa a falar de "neofalante digital": "uma pessoa que só usa a língua galega nas suas comunicações online" (p. 707). É óbvio que o conceito não se reduz ao cidadão galego, mas a todos aqueles que se valem da sua L2 minoritária ou minorizada para as suas comunicações online.

Pela própria definição acima, as comunicações entre esses sujeitos são atos de interação comunicativa exclusivos dos territórios virtuais, e nos mostram um Ecossistema Artificial da Língua em sua atividade, composto por seu P, sua L específica e seu T virtual. Isso é uma novidade, pois até agora falávamos somente de ecossistemas linguísticos artificiais apenas com referência à extensão virtual do "território" dos ecossistemas sociais, a coletividade onde vivem os sujeitos. O caso dos neofalantes digitais aponta para uma mudança sensível nas relações desses ecossistemas sociais. O território virtual passa a ser a referência para as comunicações.

8. Considerações finais

Neste artigo pretendemos dar um panorama do que acreditamos ser uma tendência futura, cada vez mais frequente: as interações comunicativas virtuais. Já falamos sobre isso em outras ocasiões (GAIO, 2018; no prelo) e a pandemia causada pelo Coronavírus aparentemente está consolidando esse processo que, cremos, seja irreversível.

Interações comunicativas virtuais são, ao fim e ao cabo, interações comunicativas plenas, e elas ocorrem independentemente de espaço geográfico definido, embora evidentemente a esse espaço estejam vinculadas de alguma forma. Se há um ecossistema artificial onde acontecem tais

¹⁷ O autor faz referência a expressões já conhecidas em outras línguas europeias: néolocuteurs (fr.), neohablantes (esp.), neoparlanti (it.) ou newspeakers (ing.).

ECO-REBEL

interações, esses ecossistemas só existem porque existem os ecossistemas reais. O artificial, como criação do ser humano, só existe como extensão do real. Tratamos aqui de ecossistemas sociais, parte do ecossistema integral da língua porque, em tempos de pandemia que nos pede Isolamento Social, percebemos que, a bem da verdade, há pouco ou nenhum Isolamento Social em curso, mas sim Isolamento Físico, ou Distanciamento Físico. Quem se vale de aplicativos e aparatos eletrônicos para interagir ativamente não está isolado socialmente. A sociedade conectada é o *locus* do ecossistema social artificial. As conexões se dão em espaços não tangíveis, que podemos chamar de Nuvens de Interação, como sugerimos em Gaio (2018, p. 178).

Entretanto, esse espaço virtual não é apropriado para a criação de vínculos afetivos fortes e duradouros. O estado de Descomunhão, como definido por Matos *et al.*, (2014) surge com muita facilidade. Esse espaço sem dimensão definida parece que facilita o discurso de ódio. É um paradoxo em relação ao que afirmamos a respeito da acessibilidade e amabilidade do ser humano quando conhece um seu semelhante. Nossa condição de animal social vale também para as divergências e no meio ambiente artificial parece que nos sentimos livres para ofender. A internet parece uma "terra sem lei", e os reflexos disso podem ser notados nos ecossistemas artificiais.

Observamos que este ecossistema mostra características particulares, exigidas para que as interações comunicativas sejam plenamente funcionais. Entre outras coisas, citamos algumas mudanças no registro escrito que acontecem espontaneamente, sem a pressão normativa. Salientamos o caso dos neofalantes digitais, indivíduos que interagem pela língua minorizada de sua região somente pelos meios digitais. Ainda podemos mencionar os *emojis*, figurinhas que simbolizam estados de ânimo e que são úteis para manifestar sentimentos como riso, choro, ansiedade, raiva e muitos outros no registro escrito. Uma interação comunicativa não é composta só de língua, ela é sempre multimodal e a inclusão de *emojis* em interações virtuais demonstra essa necessidade humana.

Esperamos que este breve estudo gere reflexão e pensamento crítico sobre interações comunicativas e modernidade no contexto da Linguística Ecológica.

Referências

COUTO, H. H. Descomunhão. Disponível em:

<http://ilinguagem.blogspot.com.br/2015/09/descomunhao.html>, 2015

_____. Linguística Ecológica. In: COUTO, H. H. *et al.* (orgs.). *O Paradigma Ecológico para as Ciências da Linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016

_____. Comunhão, 2017a. Disponível em:

<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2017/12/comunhao.html>, 2017

<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2017/12/comunhao.html>

_____. Linguística Ecológica: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem. In: COUTO, E. K. N. N. *et al.*: *Linguística Ecológica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes editores, 2017b

FISHMAN, J. Domains and the Relationship between Micro- and Macrosociolinguistics. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (org.) *Direction in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Basil Blackwell Ltd., 1986 [1972]

FRIAS X. A normalización lingüística na Romania: A normalización da lingua e normalización dos falantes (o caso dos neofalantes). *Ianua. Revista Philologica Romanica*, Vol. 6, 2006, pp. 49–68

GAIO, M. L. M. *Etnicidade Linguística em Movimento*. Os Processos de Transculturalidade Revelados nos Brasileirítalos do Eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. Berlin: Peter Lang, 2018

GAIO, M. L. M. As novas práticas de interação comunicativa: isolamento ou ampliação do espaço de comunicação? In: SAVEDRA, M. M. G.; PEREIRA, T. C. A. S.; LAGARES, X. (orgs.) *Glotopolítica e práticas de linguagem*. Niterói: EDUFF (no prelo)

LAGARES, X. A abordagem glotopolítica. In: SAVEDRA, M. M. G.; PEREIRA, T. C. A. S.; LAGARES, X. (orgs.) *Glotopolítica e práticas de linguagem*. Niterói: EDUFF, (no prelo).

MATOS, F. G. *et al.* Ecolinguagem. In: COUTO, E. K. N. N.; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. de O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 215-224

PADIN, P. Actas do XIII Congreso Internacional de Lingüística Xeral, Vigo, 2018, pp. 700-707.

Aceito em 03/07/2020.